

FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE A CAUSA DA PATRIA

PUBLICA-SE AS SEXTAS FEIRAS

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

NUMERO 138

Advertencias

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua de D. Pedro 5.º n.º 13. Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

3.º ANNO

CONVITE

Para commemorar o anniversario do fallecimento do Senhor Dom Miguel de Bragança, tenciona a redacção d'este jornal mandar celebrar na igreja do Hospital de S. Marcos, exequias sollemnes, na sexta feira 14 de corrente, ás 10 horas da manhã. Convidamos a todos e especialmente os nossos correligionarios a assistir a esta piedosa commemoração.

BRAGA 6 DE NOVEMBRO DE 1873

Henrique V.

Cresce de cada vez mais a anciadade sobre a questão da monarchia em França; porém o telegrapho que vendera, de ha muito á revolução os direitos da sua primogenitura, por um prato de lentilhas, desfigura a seu modo os factos, interpreta a seu belprazer as opiniões do partido monarchico, e até não duvida pôr com habilidade, sobre a tela de Penelope, tintas que imitam ás côres naturaes.

Não ha muito nos disse que o Conde Chambord accettera a bandeira tricolor; agora afirma-nos que Henrique V. está resolvido a não ceder de suas opiniões nem transigir com outra cor de bandeira que não seja a sua.

Quem falla verdade: é o Conde de Chambord ou o telegrapho?

Antes que este nos desse contradictorias noticias a respeito da solução monarchica já nós sabiamos que Henrique V. era o typo ideal da honra, caracter e probidade; que os principios de que era representante, eram os unicos que podiam salvar a França; que elle estava disposto a não transigir com a revolução no que era essencialmente necessario para a manutenção da paz, justiça e tranquillidade.

Sempre tivemos presente os seus manifestos e por elles vimos que nada mais se podia conceder em harmonia com os principios eternos do direito e da justiça e com as exigencias da época e necessidades do seculo.

Eis aqui o que elle dizia n'um manifesto datado de Chambord a 5 de julho de 1871:

«Querendo Deus, fundaremos juntos, e quando o queiraes, sobre as largas bases da desamorisção administrativa e das franquias sociaes, um governo conforme as necessidades do paiz.

« Daremos como garantia a estas liberdades publicas, ás quaes tem direito todo o povo christão, o suffragio universal honradamente praticado, e a intervenção das camaras, e continuaremos restituindo-lhe

seu verdadeiro caracter, o movimento nacional dos fins do seculo passado ».

Ainda nos lembra o que por então escreveu a este respeito um dos mais famigerados estadistas e escriptores hispanhoes Aparisi: « Luis Veuillot, o intransigente Veuillot, esse catholico e immortal Veuillot, que aquillo que escreve o grava e aquillo que grava o tempo não o apaga, disse a a respeito d'esta bella proclamação, além d'outras muitas cousas, o seguinte: « Elogio e honra a proclamação de Henrique Bourbon; é franceza, corajosa e leal. Unida a suas precedentes declarações é digna de um rei christão... Só Henrique de Bourbon pôde reunir todas as frações, por desgraça tão divididas, do grande e fortissimo partido monarchico e assegurar-lhes a victoria. Elle só pôde tambem reunir de baixo de largas bases as secções honrosas e sérias do partido republicano e satisfazer o que no fundo ha ali de justo nas aspirações desordenadas e revoltosas do socialismo ».

Effectivamente as concessões estavam feitas, a fusão operou-se, o conde de Pariz e toda a sua familia reconheceu em Henrique V a personificação do direito da liberdade, da paz, da ordem e da felicidade.

Que mais queriam os partidarios da monarchia?

Que mais queres os proselytos da restauração da legitimidade na Europa?

Não nos disse tambem, o telegrapho com data de 31, de Pariz, o seguinte: « Apesar da carta do Conde de Chambord o partido monarchico, permanece unido e decidido a seguir trabalhando em pró da restauração da monarchia ».

Resumindo, pois, as noticias que de França nos tem vindo a respeito da restauração da monarchia, concluiremos o seguinte, deixando ao tempo que se encarregue de desempenhar a nossa palavra:

A fusão é um facto incontestavel; logo a maioria da assembleia é monarchica.

A fusão operou-se depois, ou em virtude, dos manifestos de Henrique V, logo não ha pedir nem esperar novas transações que facilitem ou embarquem a proclamação da monarchia.

Antes e depois da fusão; antes e depois das negociações de Salzburgo, Henrique V. falla sempre a mesma linguagem; logo a ultima carta do Conde de Chambord não anniquillou as esperanças nem frustrou os trabalhos do partido monarchico, mas antes as corroborou.

A fração monarchica que pertence de Henrique V. mais do que elle pôde conceder nada influirá na restauração da monarchia tradicional, embora lhe possa causar alguns embaraços e retardar o seu progresso.

Eis o que pensamos acerca da questão da monarchia em França; esperando que o tempo nos confirme com factos estas nossas opiniões.

Carta do Conde de Chambord

«As pretensões d'hoje dão-me a medida da exigencia d'amanhã, e não consentirei em inaugurar um reinado reparador e forte com um acto de fraqueza. Respondo o que respondera Henrique IV a quem ousasse pedir-lhe que esquecesse o estandarte d'Ivry. Estou disposto a emprender uma grande obra, e para a realizar quizera conservar-me integro. Se hoje cedesse, amanhã seria impotente. Tractarei de reconstruir sobre suas bases naturaes uma sociedade profundamente perturbada, de contrair alianças duradoiras e sobretudo de não temer o emprego da força no sentido da ordem e da justiça. Não admitto condições, porque não m'as impoz o joven príncipe que me trouxe espontaneamente, em nome de todos os seus, testemunhos de paz, fidelidade e de reconciliação. Tambem não se pediram garantias a Mac Mahon a 24 de maio.

Eu conservo intacto, ha quarenta e tres annos, o deposito sagrado das nossas tradições e das nossas liberdades. Tenho pois direito a igual confiança e devo inspirar o mesmo credito.

A minha pessoa nada vale; o meu principio vale tudo. Sou o piloto unico e necessario para conduzir a nau a porto e salvamento, porque tenho missão e autoridade para isso. A França não pôde perecer, e quando Deus determina salvar um povo, quer que o sceptro da justiça seja confiado a mãos que o sustentem com firmeza ».

Porque somos odiados?

Depois que o veneno corruptor d'uma ignorancia a mais extravagante, se intornou no espirito do homem, e n'elle propagou com assombroso auge os perniciosos effectos de sua malicia; e que no mesmo espirito se infiltrou como que em terreno apto para fructificar; é mais possivel a não existencia do mesmo, do que não seguir-se o choque de seus desviados passos. Pois é tal o espirito humano, que formado sómente para sustentaculo da verdade, e dotado das facultades que a devem reger e guiar na inquirição, posse e defeza da mesma verdade; ou elle tem de abraçal-a, ou está fóra do mundo em que foi collocado; e se não, trilha uma senda toda material, e hade forçosamente despenhar-se no immenso pelago do fatalismo, se tanto permittir o vergonhoso acaso de sua miseria.

E se um espirito assim formado procura, enquanto navega no tempo, outro norte, outros horisontes, não pôde fital-os; mas topa com os abismados carcereiros do erro, aonde nada mais fruirá do que o insaciavel dezoje de não poder despenhar-se de mais altos escolhos, a ponto de querer anniquillar-se, se tanto permittisse sua natureza...

Os terriveis effectos da ignorancia no

espirito humano, não importam sómente a desgraçada ruina de si proprio: estendem ainda seus venenosos ramos sobre os outros, que não medram nem fructificam, porque lhes é nociva tal sombra, e não podem ver o sol da verdade que os esclarece e vivifica. Porque entre os homens a ignorancia por systema ou natureza, sobe mais e se eleva acima da cupula humana; e porque é audaz, não teme a queda fatal, que mais tarde a hade fazer revolver no pó de suas ruinas, desgraça de seu inqualificavel descuido.

E o homem pôde apartar de si esse deploravel estado se não quizer ser alvo de seus horriveis effectos. Pôde é verdade; sómente um passo ávante e na ta mais: *lêr a historia da humanidade que já passou*. Porque a historia da humanidade é efficaz preservativo da ignorancia d'hoiem, e saudavel remedio para os erros de hoje.

Porque nos odeiam? Se nós pugnamos pela verdade, é porque não queremos precipitar-nos nos horriveis abismos do erro, nem tambem depois emendar os desacertados passos que já foram dados em damno proprio e alheio; porque o remedio então só podia sarar o futuro e não o preterito.

Pugnamos pela verdade, porque só ella pôde conduzir o homem ao conseguimento de seu fim principal. E se para vencer fór necessario o abandono da propria existencia, de boamente opporemos nossos peitos á morte; e depois que houvermos chegado ás rivis do tumulto, cá ficarão na terra os passos e exemplos de quem morreu por viver, e viveu para morrer assim... E todos somos odiados!

Somos odiados, porque a nossa causa é a verdade: somos aborreidos, porque amamos a verdade; e somos detestados porque pugnamos pela verdade.

Sem remedio: não podem nossos adversarios colher outro fructo, nem ver outra victoria, que não seja uma vergonhosa fuga no campo da guerra, quando em frente d'elles se desenrolar com magestoso assombro a bandeira da verdade e da honra e da legitima causa.

Nem elles podem pensar d'outra maneira, porque as causas que já produziram estes effectos em tempos passados, são as mesmas nos tempos de hoje. Falle em nosso favor a historia do passado, e diga em tom bem elevado os factos que então se deram.

Diz ella: Quando esses poderes collosaes, que já foram, eram o erro e a mentira, fugiram como a sombra espavoridos diante do estandarte redemptor, que se ostentava arrojado pela causa legitima; (a da verdade)... Porque o erro e a mentira, tem sempre e em todos os tempos fenecido por si mesmo, pois são obrigados por uma força superior de seu destino a dar lugar á verdade: esta sempre cantou victoria...

E porque nos odeiam? E' porque não queremos nem admitimos e contrariamos essas maximas, que na epocha presente grassam entre os ho-

mens, escondendo sob os attractivos da eloquencia todo o asco de seu veneno, e com elle lá marcham perturbar todos os estados; e até mesmo não poupando a seus proprios factores!

E' porque não queremos que a arrojada audacia do erro usurpe o assento da sabedoria; nem o despotismo se eleve á condição do poder; nem a materia subjugue o espirito.

Tem de triunfar a verdade, e esta fica sendo sempre o que foi; não assim o erro, pois tem de terminar porque nunca foi o que devia ser.

E' nosso primeiro dever repellir com energia esses espiritos corruptores que vão minando, qual zorraes manhosas, no meio da sociedade incauta, a fim de cabarem mais funda a perdição d'ella, por estarem tambem perdidos.

A nossa causa é tambem a da humanidade; é a verdadeira causa, causa do bem estar dos povos; é a verdade a subjugar o erro, e a combater a ignorancia; é emfim o direito exigindo seu respeito, e a justiça em pratica contra o direito da força. Se esta não é nossa cauza, eis-nos em campo, haja prova em contrario; as de nossa defeza não são outras senão a *historia do passado o estado presente, e a ignorancia dominante*. Estas as nossas armas invenciveis, armas da experiencia e da justiça que sollicitamos. E com ellas imporemos invenciveis barreiras ás trevas do erro, da mentira e da falsidade.

Com ellas fitaremos nossas vistas em horisontes mais bellos, aonde já bebemos a longos tragos o amor a fé e a esperanza, e os almos resplendores d'esse dia feliz; dia porque suspiramos, e que encerra em si os brilhantes collas d'uma primavera verdadeira; primavera tanto mais florida, quanto mais feio e medonho é o inverno que está tomando as veias de seus pulsos...

Somos odiados! embora; triunfe a verdade a todo o custo, e com ella elevemos-nos á altura de nosso destino sobre a terra, para depois gosarmos os serenos dias da immortalidade ao clarão d'essa luz ineffavel d'onde procede e dimana porque é a verdade por essencia.

Somos legitimistas, porque seguimos a verdade, e nos guiamos por sua luz. Quem nos convencerá do contrario? Jámais terá logar o erro em nossos espiritos, pois que d'elles se apoussou sua luzente centelha em que nos apoiámos, e por quem pugnamos e sempre...

Ham-de ver nossos adversarios, que tem bem pouco merito a força, quando se não teme a morte, e não a temem aquelles que seguem a senda da verdade e do bem; porque morrer n'estes casos, é vencer a morte com a vida; e paga bem a vida do homem uma causa que o preserve do erro...

Embora troveje o despotismo, embora o erro tome o caracter fingido da verdade; que importa? Tudo é mentira, e só é verdade o que deve ser, e o que em breve veremos, pelo impulso natural das cou-

pedes, porque sou mensageira rigorosa em cumprir sómente, o que me determinam.

— Não, carrasco invencivel, prosequi eu, erguendo-me cheio de indignação, não me ronbarás este ser angelico que é o melhor dos elementos constitutivos da minha illimitada felicidade.

— Roubarto-hei d'esta vida, porque essa tua felicidade não pôde fazer-se na terra. Logo que terminou por estas palavras o ente exterminador aproximou-se da sua victima e desapareceu, depois de haver descarregado sobre ella o golpe mortal, eu porém quiz impedir-lho mas forcejei em balde, porque os pés se me haviam pregado no solo.

Passado um segundo, ouviu-se um pequeno suspiro semelhante ao ultimo, que a victima costuma exalar na hora extrema. E effectivamente era o ultimo de meu filho, porque o seu corpo jazia hieto e desanimado no leito. Então caí como fulminado sobre as taboas do pavimento, soltando um grito de dôr, ao qual acordei em sobresaltos ».

Braga, 1 de Novembro 1873.

FOLHETIM

UM SONHO

M. ROQUE FAVARES

E' o sonho a representação imaginaria de bons ou maus quadros.

E' quasi provavel, que a postura da nossa substancia material influa para a criação d'estes quadros, mesmo porque muitos philosophos tem affirmado que estes sonhos são occasionados por certos alimentos, que affectam na digestão a nossa alma. Todavia, tendo valor aquellas supposições, e merecendo a verdade estes juizes é extraordinario, que a nossa alma experimente sensações muito diferentes, das que lhe são transmittidas pelo systema nervoso.

Relativamente aos sonhos, reproduzidos pela memoria, não tenho encontrado um só nizo, nem posso adivinhar-me sequer a causa de uma supposição da sua causa.

Na maior parte dos sonhos acontece o gozo da felicidade, que esperamos não chega a fruir-se, assim como não chegamos a ver realzado o mal, que tememos; e se raras vezes apparece o senti-

mento theologico, que se deseja ou teme, no primeiro caso o prazer é de curta duração, e no segundo caso o soffrer é interrompido ligeiramente por um despertar doce e corroborante.

Ahi vão, amigo leitor, alguns momentos de vida illusoria bastante horriveis, que vivi em a noite antecedente a esta, em que estou traçando estas linhas.

Não dezoje por modo algum incommodar-te com a sua leitura, prevenindo-te de que o meu restabelecimento sanitario foi breve, graças a Deus:

« Era n'uma tarde tenebrosa d'Outomno.

A chuva cahia a cantaros e o vento sibylava por sobre os telhados ameaçando despojar a natureza de seu manto de verdura, o que é susceptivel n'aquella estação.

Eu estava sentado a uma das janellas da casa, onde vivia, já contemplando o denso negrume das nuvens, já estremeecendo ao annudado fuzilar dos relampagos, aos quaes se seguia um trovão, que nos seus medonhos estallidos parecia querer sepultar os homens nas profundezas da terra. N'este momento um grito doloroso vindo do andar superior, veio soar nos meus ouvidos. Excitado pelo dever de socorrer, transpuz immediatamente as dezasete escadas, que

medeiam os dous andares. Teria apenas dado um passo sobre a sala, d'onde me parecia ter vindo aquella voz, quando deparei n'um dos seus angulos com um phantasma, junto a um leito, no qual existia um vulto. O phantasma tinha a configuração de mulher, porque os seus hirtos cabellos tinham o comprimento da cabelleira mulheril. Tinha o rosto magro e macilento e empunhava na mão direita uma longa espada, banhada em sangue. Obrigado pelo assombro, que produziu em mim um tal espectáculo, recuei um passo e senti uma sensação tão terrivel, que parecia que o gelo da morte me havia tocado o coração.

Porém como visse que o ferro sangui-nolento ia descer sobre o peito da victima, avancei para o phantasma exclamando: Suspende mulher ou demonio a tua ira. A estas palavras, o phantasma suspendeu o golpe, e voltando o seu frio e horripilante rosto para mim; porém eu não pude fixal-o por muito tempo, sem que primeiro tomasse conhecimento do vulto, que jazia estendido no leito. Oh! então não pude reprimir um grito de dôr ao reconhecer a pessoa, que me era mais cara na vida, prestes a exalar o ultimo suspiro. Fiquei por um momento petrificado, como estatua porque um torpor glacial se havia apoderado de mim.

— Quem és tu e quaes os motivos, que te levaram a tingir essa espada com o sangue d'esta criança, disse eu, avançando para o medonho espectro, depois de ter recuperado algum animo.

— E para que desejas satisfazer uma tal curiosidade?

— Para saber em quem tenho de executar a minha vingança respondi eu, com voz ameaçadora.

— Pobre louco, continuou o phantasma, pois terias tu, ó mortal, forças para te bateres com a morte?

— A morte?! tartamudei aterrorisado. Oh! pois acaso és tu a morte?...

— E que vem cumprir uma missão bem penosa para ti, arrebatando-te o melhor thesouro, atalhou ella com voz cavernosa.

— Não m'o arrebararás, lhe tornei eu, rojando-me a seus pés, porque serás generosa para comigo... Ah!... mas que digo... se é já tarde... porque esse sangue?...

— Não é o d'esta victima porque se o fosse, ella já estaria na eternidade, porque é rapidamente mortal o effecto d'um leve toque d'esta espada, como vaes vel-o brevemente.

— Oh! misericordia... ou então levamos a ambos... disse eu no auge da tortura.

— Não posso satisfazer-te no que me

sas, e d'um destino que não pôde faltar. E por isto somos odiados!...

R. Monteiro.

Pio IX e o rei da Prussia.

Vaticano, 7 de agosto.

Senhor:

Todas as medidas que o governo de V. M. tem tomado desde algum tempo, encaminham-se cada vez mais á destruição do Catholicismo. Quando me pergunta a mim proprio quaes podem ser as causas d'essas medidas de rigor, reconheço não poder encontrar nenhuma.

Por outro lado asseguram-me que V. M. não approva o proceder do seu governo e que condemna o rigor das providencias adoptadas contra a Religião. Mas se é certo não approvar V. M. essas medidas (e em verdade as cartas, que V. M. me dirigiu n'outro tempo, parecem-me provar bastante não poder ser do agrado de V. M. o que se está passando); se, digo, V. M. não approva que o seu governo continue estendendo cada vez mais as medidas de rigor, que adoptou contra a Igreja de Jesus Christo e assim prejudicando gravemente a mesma Religião, não será isso motivo para que V. M. se convença de que taes medidas não produzem outro effeito, senão o de minar o seu proprio throno?

Fallo francamente a V. M. porque é minha divisa a verdade. Fallo por cumprir um de meus deveres, que é dizer a verdade a todos, ainda aos não catholicos, porque todos os que receberam o baptismo, por qualquer modo que fosse, ou por qualquer lado que se olhe, sem que sobre este ponto me deva explicar mais aqui, pertencem ao Papa.

Estou persuadido que V. M. receberá as minhas observações com sua bondade e costumada e adoptará as medidas necessarias na occasião presente.

No entanto rogo a V. M. que aceite esta expressão do meu affecto e do meu respeito e fico pedindo a Deus que se digno estreitar em um mesmo abraço de compaixão a V. M. e a mim.

Pio IX

Berlim 3 de setembro de 1873.

Alegro-me porque Vossa Santidade me haja feito a honra de escrever-me, como outras vezes, e me alegro tanto mais por não me proporcionar occasião de rectificar os erros, que, segundo a carta de Vossa Santidade de 7 de agosto, se produziram em virtude de relações que foram enviadas a Vossa Santidade sobre os negocios da Allemanha. Vossa Santidade não teria podido pensar nunca que o meu governo seguisse um caminho não approvado por mim.

Tal é a constituição dos meus Estados, que isso não pôde succeder de nenhum modo, sendo que as leis e medidas governamentais na Prussia necessitam de meu real assentimento. Uma parte de meus subditos catholicos organizou a pesar meu, ha dois annos um partido politico, que pretende perturbar, com manejos hostis ao Estado, a paz religiosa que reina na Prussia ha muitos seculos.

Desgraçadamente muitos prelados catholicos não só approvaram este movimento senão que tomaram parte n'elle, a ponto de se opporem ás leis existentes.

Vossa Santidade terá notado que factos semelhantes estão acontecendo actualmente em muitos estados da Europa e em alguns do Ultramar.

Não trato de investigar as causas que possam obrigar os sacerdotes e os fieis de uma das religioes christãs a apoiar os inimigos de toda a ordem em sua lucta contra o Estado; mas é meu dever proteger a paz, cuidar do respeito devido ás leis dos Estados, cujo governo me foi confiado por Deus. Sei que darei conta a Deus do modo porque cumprir meu real dever. Defenderei a ordem e as leis nos meus Estados contra todo o ataque, emquanto Deus me conceder o poder.

Na minha qualidade de monarcha christão estou obrigado, a pesar meu, a cumprir tambem este real dever contra os servidores de uma Igreja, que supponho não ha-de reconhecer menos que a Igreja evangelica a obrigação de obedecer á auctoridade temporal, como uma emanção revelada da vontade Divina. Certo numero de ecclesiasticos, sujeitos a Vossa Santidade renegam na Prussia, a pesar meu, a doutrina christã sob este ponto de vista, obrigando o meu governo, apoiado pela grande maioria de meus povos, catholicos, como protestantes, a que vele sem cessar por meios temporaes pela observancia das leis.

Lisongieo-me com esperar que Vossa Santidade, uma vez inteirado do verdadeiro estado das cousas, empregará sua auctoridade em pôr termo a uma agitação fomentada por meio de uma deploravel falsificação da verdade e por um abuso da influencia ecclesiastica. A Religião de Jesus Christo, juro-o a Deus ante Vossa Santidade, nada tem que ver com estes acontecimentos, e eu sem reserva me colloco,

sem reserva alguma, sob a sua bandeira, invocada por Vossa Santidade.

A carta de Vossa Santidade contém tambem uma asserção, que não pôde passar sem protesto, não já porque se apoie em relações erroneas, senão sim, na mesma palavra de Vossa Santidade.

Segundo esse aserto todo, o que recebeu o baptismo pertence ao Papa. Mas a fé evangelica que professo, como os meus antepassados, como a maioria dos meus subditos, não nos permite, como Vossa Santidade sabe muito bem, admitir em nossas relações com Deus outro intermediario senão Nosso Senhor Jesus Christo. Esta differença não me impede viver em paz com os que participam d'esta crença, nem offerecer a Vossa Santidade a expressão do meu affecto e do meu respeito pessoal.

GUILHERME.

Esta carta se fôra escripta por Henrique V, (diz a Nação) que herrarria que não excitaria entre todas as gradações da radicalagem! Aquella — emanção revelada da vontade divina — que nenhum imperante catholico se arroga não excita a tempestade liberal, emquanto a bandeira branca, a da antiga França não mutilada pela tricolor, é bastante para enfurecer o mais moderado sectario da republica moderada, ou os seus amigos e comparsas nos diversos paizes!

A doutrina da obediência á lei positiva do estado, que não supõe outra superior nem natural, nem divina; a doutrina da Lei Regia e da Dea Roma resurge na Prussia sob a protecção do liberalismo, que sustenta o governo que a defende!

O facto constitucional da formação de um partido, que combatê dentro da esphera legal, é reputado um crime e o partido liberal da Prussia, apoiado por todo liberalismo, auxilia o governo n'esta verdadeira enormidade.

O que a carta revela é a sujeição absoluta do Rei ás inspirações de Bismark, que animado de espirito despotico não admite que se lhe diga, com S. Pedro, — Devo-se obedecer a Deus primeiro que aos homens

Esperamos, que o Rei descendo um dia da região pietista em que anda, se desenganar de que a perseguição dos catholicos é uma tyrannia e um perigo.

No entanto ponha-se em relevo o facto do silencio approvador com que toda a imprensa liberal recebeu este factum da theocracia protestante, sem quasi ousar a mais tímida protestaçao.

A redacção do «Bem Publico».

Londres, 8 de outubro de 1873.

Remexendo agora um monte de papeis velhos, e fragmentos que varias vezes principio e ficam por acabar, em consequencia de alguma interrupção — de que tenho muitas mais do que desejava — encontro o seguinte: o começo de um artigo que principiei a escrever logo depois, em conformidade da especie de promessa que tinha adiantado na minha carta de 22 de Dezembro, de 1872, que o «Bem Publico» me fez o favor de inserir competentemente. Vou copiar esse principio tal qual, pois d'elle se verá, como não eram cerebrinas minhas asserções a respeito do plano, que mais e mais cada dia se vai desmascarando, de abater o Catholicismo, e substituir-lhe, para glorificação da Inglaterra, o Protestantismo Anglicano. Escrevi eu nos ultimos dias do anno proximo-passado: —

«A grande questão — A questão das questões — A questão suprema actualmente na Europa».

A Redacção do «Bem Publico».

«Quando, ha pouco tempo, remetti ao «Bem Publico» a traducção da Pastoral do nosso Arcebispo de Westminster em sua primeira parte, intentava remetter mais tarde o resto, que era muito breve. Achei depois, em segunda reflexão, que não valia a pena de formalmente enviar traduzido esse resto, o qual se limitava no anuncio, de que na occasião do Synodo annual do Arcebispo, tencionava o illustre Prelado propor a dedicação da sua Archidiocese ao Sagrado CORAÇÃO DE JESUS. Isto me parece dizer tudo sufficientemente por agora.

«Passando ao assumpto da minha epigraphe, desde já previno, que os leitores do «Bem Publico», muito provavelmente, uns vão rir-se das minhas proposições; outros clamar contra ellas, declarar-as exoticas e absurdas. E comtudo, não deixam ellas por isso de ser inteiramente reaes e verdadeiras.

N'uma proposição geral desde logo as incluirei todas, e vem a ser esta: — Todas as grandes questões chamadas politicas e sociaes, que (por não ir mais longe) desde 1820 para cá tem agitado a Europa sob varios pretextos, ham tido por ultimo objecto ou fim, o abater a Igreja Catholica. — Não quero dizer que todos, direi mesmo que a grandissima parte numerica, dos individuos, da multidão su-

perficil e facil de illudir, nutram simlhantes dezejos e tenções; esses vão, more pedum, atraz de guias que os illudem, e d'elles fazem cegos instrumentos, sob falsos, especiosos pretextos. Mas não tenho a minima duvida, de que todas as maquinações politicas das sociedades secretas, por quem principalmente as revoluções d'este seculo tem sido conduzidas, convergiam em seu objecto premeditado para o escandalo descarado e violencia caracterisados e perpetrados na infame invasão de Roma, em 20 de setembro de 1870, e suas consequencias.

Convem mais saber, que no fundo, ou antes de traz das maquinações e acção das diversas sociedades secretas do continente, e da turva estouvada e superficial que se presta a ser instrumento dos guias que a illudem, está disfarçadamente o protestantismo inglez; o qual já por interesse politico, já por vaidade e orgulho nacional, não pôde tragar que exista no mundo uma influencia e auctoridade moral, que se não dobre á politica, á influencia, e ao poder Britanicos.

«Tudo isto que eu poderia desinvolvel e demonstrar em longos capitulos foi recopilado e denunciado apaixonadamente pelo celebre, e vaidoso Canning, em pleno Parlamento; quando declarou, que (para se vingar das quatro grandes Potencias Continentaes que desejavam suffocar as revoluções que depois tem anarchizado a Europa), a Inglaterra tomaria a seu serviço e debaixo de sua protecção os descontentes e revolucionarios de toda a Europa Continental e d'ellas faria seus auxiliares contra os governos legitimos».

Eis ahi o fragmento do anno passado; n'este anno, e principalmente desde que em França se começou a agitar a questão de uma restauração monarchica, não tem limites a furia, e ao mesmo tempo a indescricção das folhas protestantes Inglezas; que excedem mesmo os mais liberangas e revolucionarios de França, no zelo antimonarchico e anti-religioso que as enfurace. Não ha sophisma deshonroso, não ha desfiguração perfdida, não ha preoccupação estúpida, a que a imprensa Protestante Ingleza se não abaxa, com o fim de impedir se pôde uma restauração monarchica em França. Eisahi algumas amostras, entre centos d'ellas de que estão cheias as columnas dos papeis Inglezes, manifestando, 1.º a raiva contra a perspectiva de restauração em França, 2.º que toda essa raivaçao procede principalmente, do receio, que a restauração em França possa vir em algum tempo a intervir contra as usurpações e roubos Italianos, em nome, porem verdadeiramente Inglezes na inspiração, no estimulo, na direcção, nos meios pecuniaricos, na escandalosa fé.

Estão continuamente badalando aos ouvidos dos ignorantes com a expressão vaga do direito divino; que dam a intender significação, poder o monarcha fazer quantos destempéros, injusticias, oppresses, perseguições, etc, lhe agradecem sem que haja no povo direito de lhe obstar. Quando o tal papão do direito divino outra cousa não é realmente, senão a ordem natural necessaria, de que na sociedade o numero, a multidão em que reside a força physica, deva sujeitar-se e obedecer á força moral que deve regular e dirigir a comunidade, e dispôr, para bem d'ella, de sua força, collectiva — como a cabeça, o cerebro, dirige a força e facultades dos membros do corpo humano, para bem do individuo todo inteiro. O tal «direito divino» assim verdadeiramente reside no Rei, no Imperador, no Presidente da Republica, no Dictador, como no Juiz da vintena, ou em outra qualquer auctoridade, cujo officio e objecto é manter a ordem, dar força á justiça, proteger os legitimos interesses de todos os membros da comunidade.

O maior zelo porém que estes desinteressadissimos amigos da humanidade manifestam, é pela sua invenção de «instituições parlamentares» — isto é, falladeiras. Não importa que desde o reaparecimento da tal cholera morbus politica, com que se tem infectado a Europa, desde que Stuart trouxe o germen d'ella (levado d'Inglaterra, fermentado no Brazil, semeado em Portugal), o mundo Europeu tenha estado em febre continua, e em convulsões incessantes. E' preciso á maneira do Doutor Sangrado, embutir-lhe mais e mais doses de mészina; e como aquelle outro bom Doutor, Inglez, enforcado aqui ha poucos annos, por ir continuamente curando a propria mulher com repetidas novas dozes de strychnina (até que a curou da vida), os Sangrados politicos Inglezes vão recitando á todo o mundo seu parlamentarismo; bem que até agora, não tenha causado senão convulsões aos povos que o tem tomado, e terriveis vomitos de sua paz, concórdia, prosperidade e fazenda. Veja-se como o rábido Daily News de 4 do mez, desabafa a cholera ingleza contra os Francezes que dezejam restituir á sua patria a tranquillidade e a paz, de que verdadeiramente só gozou neste seculo, desde 1815 até 1830: —

«Accusa a maioria da camara Franceza, de «querer sancioniar com formas parlamentares uma intriga Bourbonista, para substituir a Republica, que Thiers cha-

mou o governo legal de França, por um governo que não é mais antagonistico á «Republica do que a todos os creados e «instituições Liberaes (Liberangas, queria dizer), e sob o qual o povo se intende «não ter outro dever senão o de obediencia... Assim como Bonaparte foi o heredeiro da primeira Revolução, são os legitimistas os herdeiros da Communa. Aos partidarios de uma independencia desnatural, succederam naturalmente os partidarios de despotismo intoleravel».

Até aqui o jornal Inglez desaffogou todo o seu máu humor, juntando os horrores a que uma Restauração legitima tem de submeter a pobre França. Agora vem-lhe um receio de que apesar de tudo, ella possa achar-se disposta a passar por todas essas calamidades; oíçam: — «Em todos os tempos os Francezes se encontraram «dispostos a aceitar qualquer plano de «acção ou governo, que prometta converter «o monotonico e pouco satisfactorio modo «de governo actual, n'um brilhante e prodalidico futuro. São geralmente inclinados a «pensar que uma nova constituição ou nova «forma de governo os tornará todos felizes, dará nova gloria á sua patria» — Diz «mais, que muitos Francezes aceitaram o segundo Imperio «como o só meio de salvar a sociedade» (Estes salvaterios são uma d'aquellas expressões vagas mui favoritas da revolução e do Liberismo). Diz que outros quizeram sempre a Republica; outros «poucos advogam constantemente a Monarchia constitucional,» isto é a mentira politica ingleza. Finalmente, sae-se com este despauteiro: — É um pequeno numero de homens sensatos, e todos os padres (o homem teria em memoria o proverbio, Stultorum infinitus est numerus?) viram na restauração de um Rei absoluto «da casa de Bourbon a cura de todos os «males e a compensação de todos os infortunios».

Não pôde porém este interessadissimo amigo da França tolerar, que os principes d'Orleans intendessem a final o que convinha á sua honra, ao seu dever para com sigo e para com a França, e ao seu interesse. Vejam com que azedume o grande amigo da França de sua paz e de sua gloria, fallo de um acontecimento que não só todo o bom Francez, mas todo o homem de bem deve estimar e applaudir: — «Mesmo a Monarchia Constitucional como foi intendida e inculcada por Luiz Filipe, está tão morta como a Communa «Os Principes Orleanistas com uma loucura que a historia stigmatizará como um crime, apostataram das tradições politicas da sua familia» — Ora vejam como este Inglez tem a peito a honra e credito da Familia d'Orleans e os seus interesses!...

Veja-se mais, como se exalta a desordem, a violencia, o atheismo, a Deusa da razão, as carnificinas, a guilhotina, as affogadelas, e todos os mais horrores de aquella época de atrocidades: — «Como M. Léon Say justamente nota, em «sua «circular convocando o Centro Esquerdo, «agora não ha senão dois partidos, um em «frente do outro — porque os Bonapartistas são apenas uma insignificante fracção «do partido Liberal, filho da revolução. «O primeiro partido acha-se tado quanto a «França tem razão de prezar em politica e «letras. No outro partido o homem mais «conspicuo é o Conde de Chambord e «o mais habil e audaz M. Veuillot, Redactor «do «Univers». — Estes Liberangas nunca deixam o seu credito em mãos alheas; tudo quanto ha de habil, e de capaz, e de esperto, está da parte d'elles; os outros com rarissimas excepções são todos uns ignorantes e patetas! — Muito mais havia que analysar e dizer sobre o artigo de Daily News — que não é mais que amostra de como escrevem todas as folhas Inglezas não catholicas, quasi sem excepção, a respeito das circumstancias da França e possibilidades de uma Restauração monarchica e sensata n'aquelle paiz; mas como este artigo já vae sufficientemente estridido concluirei copiando a ultima sentença com que o Daily News, o papel do mais enraivado Liberismo, corôa a furiosa diatribe contra a França Conservadora, legitimista, e Catholica; é com esta sentença de oráculo: —

«Que a França quer um governo livre é fóra de duvida e por essa razão, «enem quer, nem, seja qual fór o que a «Assemblea vote, aceitará permanentemente como Rei o Conde de Chambord».

Veremos, digo eu a este rábido propheta; pois quando o infatuado Thiers foi mandado embora pela mesma Assembleia, tambem aqui os seus amigos Inglezes (que o não são da França) prognosticaram desastoceros e tempestades politicas do outro lado do Canal da Mancha, que deram em aguas de malvas. — Nemo est propheta in patria sua.

A. R. Saraiva.

Notaveis profecias de Proudhon — communista e socialista — centra sua vontade.

Não deixam de ser curiosas as seguintes profecias de Proudhon, nas quaes o

seu auctor parecia adivinhar já, no tempo em que as compoz, as desgraças que affligem a França e a Hispanha.

Proudhon diz o seguinte:

«A revolução social não poderia conduzir senão a um immenso cataclismo cujo effeito immediato seria:

«Esterilisar a terra.

«Metter a sociedade n'uma camisa de forças.

«E se fosse possível que similhante estado de cousas se prolongasse sequer por algumas semanas:

«Fazer perecer por uma fome repentina tres ou quatro milhões de homens.

«Quando o governo se vir sem recursos quando o paiz se encontrar sem produção nem commercio;

«Quando Pariz, esfaimado e bloqueado pelos departamentos, que nem pagaria nem expedirão, se vir de modo que nada possa entrar n'elle;

«Quando os operarios, desmoralizados pela politica dos clubs e pela inacção das officinas procurem modo de viver, não importa como;

«Quando o estado requisitar a prata e os joias dos cidadãos para mandalas para a casa da moeda;

«Quando as visitas domiciliares sejam o unico modo de cobrar as contribuições.

«Quando quadrilhas esfaimadas, percorrendo o paiz, organisem o roubo;

«Quando o lavrador, guardando as suas ceareas armado de espingarda, abandone a cultura;

«Quando a primeira colheita for roubada.

«A primeira igreja profanada, a primeira teia incendiada;

«Quando se derramar o primeiro sangue.

«Quando cair a primeira cabeça;

«Quando a desolação reine por toda a França;

«Oh! então sabereis o que é uma revolução social.

«Uma multidão desenfreada, armada, ebril de vingança e de furor;

«Chugos, machados, espadas desembainhadas;

«A população triste e silenciosa, a politica no lar da familia, as palavras escutadas das lagrimas observadas, os suspiros contados, o silencio expiado, a espionagem e as denunciações;

«As requisições inexoraveis, os emprestimos forçados e progressivos, o papel moeda sem valor;

«A guerra civil com o estrangeiro nas fronteiras;

«Os proconsulados implacaveis, a junta de salvação publica, uma junta suprema com coração de bronze;

«Taes são os frutos da revolução chamada democratica social.

«Repillo com todas as minhas forças de socialismo, impotente, immoral só proprio para fazer victimas e ladrões.

«Declaro-o na presença d'essa propaganda subterranea, d'esse sensualismo descarado, d'essa litteratura enlameada, d'essa mendicidade, d'esse entumecimento de intelligencia e de coração, que principia a apoderar-se de uma parte dos trabalhos.

«Estou puro das loucuras socialistas. P. J. Proudhon».

Agora só duas palavras: — O mais celebre não é para nós o que se acaba de ler; o mais celebre é encontrar-se o antecedente artigo — adivinhem! — na «Correspondencia de Coimbra!»

«Qui potest capere, capiat».

A proposito do suicidio por loucura (?).

Ha bem poucos dias um jornal de Lisboa, dos mais lidos entre o povo por sua barateza, e affectada imparcialidade publicou o seguinte periodo, cuja malicia e perigosas consequencias que de sua doutrina se podem tirar difficilmente se escondem:

«O sr. patriarcha, consultado pelo illustre parochy de S. Nicolau, que desejava proceder de accordo com as leis canonicas, instituições do patriarchado e com espirito christão, poz duvidas ao enternimento em sagrado, chegando a lavar um despacho negativo, mas accedendo em lim ás razões que se lhe apresentaram, entre as quaes uma era a da loucura do infeliz moço, circumstancia que nos cremos se dá em todos os que extinguem voluntariamente a propria existencia.»

Um nosso collega e amigo respondeu-lhe na «Nação» com o seguinte artigo que julgamos dever reproduzir, porque todos o deviam ler e meditar. Se se actuassem as ideias n'elle contidas, quanto sangue e quantas lagrimas se não poupariam á pobre humanidade! — e o que mais vale quantas almas se não deixariam cair na eterna perdição!...

Eis o artigo que muito recomendamos a nossos leitores e que muito lhes pedimos façam ler e espalhar o mais possível:

«Segundo certa eschola franc-maçonica, os suicidas são «todos» (sic) loucos. Seu orgão entre nós está sendo o «Diario de Noticias» (veja-se o n.º de 19 de Outubro). Se os suicidas são todos loucos, porque o não serão todos os ladrões,

violadores, assassinos, etc? Muitos aucto- rias assim o affirmam, outros negam a liberdade humana, estabelecendo o fatalismo, e por conseguinte a irresponsabilidade dos actos, — o que vem a dar na mesma.

Em sentido mui diverso, e por certo com mais razão, houve um auctor que escreveu: «No mundo só dois grandes officios, para recolher os peccadores, de- viam existir. — uma casa da inquisição e um hospital de loucos — porque ou os homens não teem fé, são incredulos e impios, merecendo por tanto ser entre- guados á inquisição; ou tem fé, e apesar d'isso peccam, mostrando-se rematados loucos com tal proceder. Mas voltemos ao nosso assumpto?»

Pertanto, segundo tal eschola, todos os castigos contra os criminosos são injustos! Não de castigar-se loucos, — isto é, verdadeiros innocentes! Os matadores dos tres ultimos padres assassinados em Italia, em differentes cidades foram todos tres declarados loucos, e postos por conseguinte em liberdade! E' logico. Quem enlouqueceu aquelles homens foram os jornaes anti-catholicos e anti-padrescos, redigidos naturalmente por loucos, — mais loucos talvez que seus leitores.

Mais loucos talvez que muitos suicidas são os que defendem ou propagam o suicidio, quer directamente, como aquelle que ha poucos mezes escreveu que um suicida mostrou valor e honradex, que se lhe devia fazer uma especie de apothose ao cadaver, com grande acompanhamento academico («Corresp. de Coimbra»); ou como outros que derramam lagrimas poeticas e fazem descrições minuciosas e convidativas («Diario de Noticias», «Diario Popular», etc., passim), ou dizem cynicamente: «ha um suicida de mais e um desgraçado de menos» («Jornal do Comercio»).

A todos os homens d'esta eschola, é uma caridade subministrar-lhes a verdadeira instrucção no assumpto.

Os suicidas são loucos! mas por que será que, outrora, nos tempos catholicos de viva fé quasi que não appareciam d'estas loucuras, e os loucos d'então conservavam mui vivaz o instincto conservador da vida?

Porque será que ainda hoje nos paizes verdadeiramente christãos praticos, não ha suicidios, — nas provincias Vascaas, em Galta, no Tyrol, etc.? Porque será que os suicidios tanto em uso na civilização pagã antes do Christianismo, diminuíram enormemente desde que triumphou a Cruz, e quasi desapareceram até que veio o heralismo franc-maconico, e se vão augmentando á proporção da licença jornalística (é absurdo chamar-lhe liberdade) e da propaganda das luzes e da gerinção dos tres pontos? Se são loucos todos os suicidas, são loucas as leis da Egreja que os castigam em seus cadaveres, para escarmento dos vivos; e humanitarios e caridosos os que pugnam pelas honras funebres a estes infelizes...

Mas são loucos com effeito todos os suicidas, como diz o incógnito? E se são loucos secundum quid, serão sempre loucos de loucura inculpavel em sua orige n?

Dizem os antigos que houve uma epoca em que foi moda entre as moças lacedemonias o suicidarem-se, graças á mania a tal ponto, que não se lhe via remedio, e a republica ia-se despovoando. Mas reuniram-se os ancios do povo, e legislaram, que os cadaveres das mulheres que se suicidassem seriam nús em certa praça, expostos ás injurias dos transeuntes.

Acabaram-se os suicidios femininos em Lacedemonia!

Celebre loucura que se curou com tão facil remedio! Outro caso: — Quando Napoleão I fez a campanha do Egypto a loucura da nostalgia, e não sabemos que outras loucuras suicidas invadiram o seu exercito; e nas marchas, dizem os historiadores militares d'aquella campanha, a cada passo sahiam officias e soldados da estrada, ouvindo-se pouco depois um tiro com que a si mesmos faziam saltar os miolos!

De que se havia de lembrar o fanático Bonaparte, que teve «escrupulos e duvidas»? Determina que os nomes de todos os que d'ahi em diante se suicidassem fossem notados no livro do respectivo regimento como «cobardes», e que seus cadaveres fossem completamente privados das honras militares.

Nem mais um só suicidio durante toda a campanha Egyptica!

Famosa loucura, a que a alta sabedoria da Egreja, a luz da razão que muitas vezes guiava os legisladores gregos, e o bom senso de Napoleão I applicaram um facil preservativo! Mas por isso mesmo o príncipe das trevas enraivece-se contra elle; e seus orgãos não entendem essa doutrina, e chamam fanatismo ao que piedade e «dureza» e «disciplina demandada severa» ao que não é senão caridade bem entendida! Por isso é calunni-

da a Egreja pela franc-magonaria, são insultados, infamados e perseguidos os padres e os Bispos que querem cumprir com o seu dever!

E o numero dos suicidios a crescer! E Satanaz a rir-se! a rir-se!...

Solenne desengano de um philosopho de seculo passado

M. Toussaint, depois de ter patenteado as suas impiedades ao mundo por seus escriptos, foi atrahido á Prussia por Frederico, onde pouco tempo depois morreu.

Mandou pouco antes do momento fatal chamar seus amigos e admiradores, para assistirem a uma scena religiosa, que na manhã seguinte queria dar-lhes. Appareceram á hora indicada; quando se dispunha para receber o Sagrado Viatico, pede ao parochio que se demore por um momento, e pronuncia diante de todos, familia e amigos, o seguinte:

«Meu filho, (tinha apenas 16 annos de idade) escuta e guarda bem na memoria o que vou dizer-te. Estou proximo a comparecer diante de Deus, e dar-lhe contas de toda a minha vida. Muito o tenho offendido; muito careço da sua misericordia. E acaso, ó meu filho, acaso bastará para obter-a, o meu arrependimento e a minha confiança? Ah! sem dúvida, que isso bastaria, tanto é infinita a bondade de Deus, se aliás eu não tivesse outras culpas que as minhas proprias fraquezas e peccados; mas se eu dei escandaloso, se offendi aos outros, não será ainda preciso que, esses mesmos d'alguma sorte intercedam por mim diante de Deus, e de si mesmo me perdoem?»

«Mas ainda bem, que d'elles espero me façam essa obra de misericordia; que me perdoem as injurias e escandalos que lhes tenho dado. E tenho offendido a tua mãe; mas a sua piedade que me é bem conhecida assegura-me que ella me perdoará como lhe peço. De muitas negligencias e maus exemplos sou culpado para com tuas irmãs, outro ponto em que os remorsos me lançariam talvez em desesperação, se por outra parte não considerasse que em sua idade as impressões são ainda leves, e que tua mãe quererá, e saberá remediar o mal por uma educação solida e christã. Tu só, ó meu filho, tu só n'este momento em que vou expirar, és o objecto das minhas maiores e mais terríveis inquietações.

«Muito te tenho escandalizado pelo meu procedimento tão pouco religioso e as minhas tão mundanas maximas. Não me perdoarás tu? não farás com que Deus me perdoe? não abandonarás os meus principios que te dei, abraçando de ti mesmo os que eu te deverei ter dado? Infelizmente, estás entrando em uma idade, em que as paixões são violentas, e em que tudo tende ao esquecimento dos mais prudentes conselhos. Poderei eu esperar, que só te esqueças d'aquelles que eu te tenho dado, e que agora tanto me atormentam?»

«Escuta, meu filho, as tardias lições que te dou n'este momento. Eu te dou testemunho d'aquelle Deus que vou receber, e em cuja presença estarei em breve: declaro e attesto que se tenho parecido pouco christão em minhas acções, discursos e escriptos nunca foi por convicção intima: mas só por humanos respeito, por mera vaidade ou por agradar a taes e taes pessoas.

«Se alguma confiança teu sem teu pai, não te sirva ella senão para tornar-te mais respeitavel o que hoje te digo. Praza a Deus que te fique vivamente impressa na memoria, e gravada n'alma esta scena ultima da vida de teu pai! Ajoelha-te, meu filho, une as tuas orações ás d'aquelles que me ouvem e te veem a ti; promette a Deus que aproveitarás dos meus ultimos conselhos; e implora-lhe, que Elle me perdoe.»

Observação: — Por esta ingenua e sincera confissão de um impio á hora da morte, cada um pôde conhecer o credito que merecem as falsas doutrinas d'esses homens que se dizem espiritos fortes.

Um catholico macaista.

Noticias de França

A «Union» de 28 publica a seguinte carta que o sr. Chesnelong dirigiu á «Liberté»:

«Versailles, 27 de outubro.

«Sr. Redactor

«Com o titulo de *Ultimas noticias* de Froshorff, publicou v. no seu ultimo numero uma communicação anonyma, de que me não canço á buscar a origem, nem o fim. E hoje diz a «Liberté»:

«Os srs. Chesnelong e Luciano Brun não nos hão-de contradizer, em presença do que fallaram com o Senhor Conde de Chambord».

«O Senhor Conde de Chambord dignouse dar-me tres audiencias, não tivemos testemunhas, estive só com elle.

«Sustento nos termos em que a fiz, e tal como meus collegas a ouviram, a ex-

posição successivamente apresentada á com-missão dos nove, ás mezas das reuniões parlamentares, em fim ás reuniões do Centro direito e dos Reservorios.

«E espero que vos dignareis inserir esta carta no vosso proximo numero, e peço-vos sr. Redactor, que aceiteis os meus protestos, etc.»

«Ch. Chesnelong.»

A «Liberté» e com ella outros jornaes liberaes teem querido semear a sisania no campo da monarchia, e dar ao mesmo tempo animo aos seus para o ultimo combate que prestes se vae dar, e com esse fim querem fazer acreditar que o accordo não existe.

A «Union» do dia 29 dedica o seu principal artigo a esta questão vital, e começa assim:

«Saímos finalmente do periodo das duvidas e dos equivoocos.

«Está feita a união, e nós podemos, sem receio, esperar o dia decisivo, em que se vae dar a ultima batalha entre os partidarios da ordem e os factores da monarchia.

«O programma de Salzbourg é hoje conhecido de todos, é o que nós sempre defendemos, porque exprime fielmente o pensamento do Senhor Conde de Chambord, e responde a todas as necessidades de um povo, cujas glorias Henrique de França tem saudado por trinta annos, cujas desgraças mais do que ninguém tem lamentado, assim como tem comprehendido todas as legitimas aspirações.

«O programma de Salzbourg é o resumo de todas as declarações do Senhor Conde de Chambord, cujo pensamento e linguagem, durante trinta annos de provas, tem constantemente sido falsificados pela má fé...»

«O Pensamiento Español» referindo-se a França escreve o seguinte:

Depois do marechal Mac-Mahon haver declarado á comissão republicana que em nenhum caso accetteria a prolongação do poder nem se separaria dos conservadores monarchicos que o elegeram, cuja sorte seguirá até o fim, os inimigos da monarchia comprehendem que para fazer variar a attitudão do actual chefe do governo, seria necessario intimidá-lo; para este fim foram a Versailles algumas commissões dizer ao marechal que se se proclamasse a monarchia haveria uma alteração na ordem publica, mas segundo diz o telegrapho, o marechal negou-se a receber a commissão, dando-lhe a entender que o governo nada temia e que respondia pela paz.

Outra não menos importante noticia, que tambem nos traz o telegrapho é a declaração, que faz a «Union» de que Chesnelong interpretou fielmente o pensamento do Conde de Chambord, e affirmar que são verdadeiras as palavras que se communicaram aos deputados monarchicos, como ditas pelo illustre Príncipe.

A «Union» diz e repete todos os dias que o Conde de Chambord não fez nem disse nada contrario á sua dignidade, ao seu programma e ao seu caracter, e que nas suas conferencias de Salzbourg não houve concessões, nem transacções, mas apenas francas e leaes explicações sobre pontos mal definidos, e é portanto bom indicio que o mesmo jornal diga que o pensamento de Henrique V foi comprehendido e bem interpretado pelos deputados e por Chesnelong, cuja carta dezejamos vivamente conhecer.

Produz grande inquietação na Hispanha revolucionaria a marcha dos negocios em França, e assegura-se que o governo recebeu despachos de Paris de muita gravidade, que o obrigaram a remittir immediatamente em conselho, e se acrescentava que Abarzuza ia ser chamado a Madrid, por ser insustentavel a sua posição de representante do governo de Castellar junto do governo de Mac-Mahon.

A «Correspondencia» negava que se houvessem recebido taes despachos e em relação á retirada de Abarzuza dizia:

O que se tem dito até agora da vinda do nosso representante em França a Madrid, não é certo; a gravidade, porém, dos acontecimentos, que se prevêm em França é possivel que leve o presidente do governo a chamar o seu amigo Abarzuza para ouvir da sua boeca informações de que possa necessitar o governo.

A «Iberia» julga verosimil que Abarzuza saia de Paris e diz hoje:

O certo é, como dizem jornaes auctorisados, não só era já muito difficil a situação de Abarzuza em Paris, senão que hoje se tornou já insustentavel em vista da pouca deferencia com que o governo francez recebeu a nota do de Hispanha, que se queixava do comportamento seguido pelo commandante do navio que se metteu de perreço entre a esquadra leal e «Mendes Nunez» no combate de 11, a cujo acto se deveu que a fragata insurreccionada não caísse em poder do general Lobo.

«O Diario de Barcelon» escrevem de Marsella o seguinte:

Segundo noticias que acabo de receber de Paris, os deputados radicaes consultados a respeito de um projecto de sublevação, desapprovaram-no; mas tem tenção de se retirarem em massa de Versailles para irem formar outra assembleia em Bordeaux.

Porém no caso actual não seria applicavel a lei, porque a minoria radical se dispersaria voluntariamente e a lei só prevê um golpe d'estado ou uma invasão anarchica que impedisse de funcionar a Assembleia

Por outra parte é muito duvidoso que o centro esquerdo, composto de homens como Casimir Perier, seguisse os radicaes n'este extremo capaz de produzir a guerra civil. Provavelmente a Assembleia conservaria ainda maioria sufficiente para ordenar ao exercito que obrasse contra os deputados perturbadores, privados desde então da sua inviolabilidade.

Leon Say, ex-ministro de Thiers, disse que a republica teria uma maioria de 40 votos. Por um telegramma que acabo de receber de Paris, resulta, pelo contrario que as forças dos partidos estão calculadas da seguinte maneira: em favor da republica, 270; da monarchia, 330; duvidosos, 120; formando um total de 720 votantes que é o numero mais elevado que pôde reunir a assembleia.

Ainda quando os duvidosos se dividissem em duas partes eguaes, a monarchia tinha a maioria de 60 votos, é provavel, porém que esta maioria chegue a 100, porque o marechal Mac-Mahon declarou que não quer a presidencia definitiva.

O general Espivent convocou os commissarios de policia de Marsella e disse-lhes: «No caso de desordens, separai as mulheres e as crianças que quizerem pôr-se diante do baralho, que eu me encarrego dos homens e obrarei com energia.»

Noticias de Hispanha.

De diversas folhas hispanholas:

Nas Vascongadas, o campo e as pequenas villas acham-se completamente dominados pelo carlismo. Bilbao está bloqueado como sempre. Loma, nomeado general, prepara-se para dar uma nova batalla ás facções de Lizarraga.

Tristany chegou a Igualada no dia 22 do passado com 3.000 homens. Levava 172 prisioneiros de Prades, entre elles 160 soldados e 12 officiaes, que encerron no theatro. A's 8 da noite chegou Miret e Mariano de la Coloma com 500 homens.

Galceran durante a sua estada em Monistrol, cobrou uns 12.000 reales de contribuição.

O commandante segundo chefe do batalhão de caçadores de Prades, o sr. Lope, foi morto na acção de Prades por não querer render-se ante a intimação que lhe fez um grupo de carlistas.

Na provincia de Almeria encontra-se uma partida carlista

Asahir d'Ignalada Tristany marchou para Bruch, onde entrou, e Galceran; procedente tambem d'aquelle ponto, marchou sobre Monistrol com uns 300 homens, entretanto que Miret com os seus se dirigia para Piera. Ignora-se o resultado d'este movimento.

As facções que se encontram ao redor de Estella occupam-se na formação dos quadros.

Mir, com a sua partida, queimou o outro dia o registro civil no povo de Neo, provincia de Valencia.

Os arredores de Valderobles (Baixo Aragão) acham-se infestados de carlistas, em numero de 6.000 homens. Na villa esteve dois dias consecutivos, sem ser inquietada pela tropa, uma das partidas.

Os liberaes tiveram que refugiar-se em Alcañiz, Tortosa e Saragoça.

O proposito d'aquellas facções é fortificar o povo de Beceite, situado nas alturas que dominam os desfiladeiros do caminho que conduz a Catalunha e Valencia.

Na madrugada do dia 23 a partida de Miret destroçou a linha ferrea entre Barcelona e Tarragona.

As partidas de Rico e Reyes entram nos povos pequenos da provincia de Albacete, commettendo toda a casta d'excessos; são perseguidas pela guarda civil.

No Priorato não ha uma só columna do governo.

A partida carlista que vaga pela provincia de Granada penetrou no terreno de Cullar de Baza, perseguida por forças do exercito.

A facção Aznar, que vaga já meio desfeita pela provincia d'Almeria, penetrou no dia 26 em Chirivel, onde se apoderou de 14.000 reales e fundos do Posito, queimando antes da sua saída o registro civil.

As facções navarras, biscaínas e alavezias, continuam em Estella.

Corria no dia 29, nos circulos politicos, a noticia da chegada de Cabrera á fronteira franceza, acompanhado de varios legitimistas francezes que vinham conferenciar com D. Carlos e propor-lhe que fizesse em Hispanha o mesmo que o conde de Chambord quer fazer em França, isto é a accettazione de certos principios liberaes, e sem os quaes o antigo caudilho carlista não quer tomar parte na presente insurreição.

Nada, porém, se sabe de verdade a este respeito.

Passam de 40 os vasos de guerra estrangeiros que se encontram nos portos de Hespanha, e isto, pela grande importancia que encerra, está chamando seriamente a attenção.

Do Diario de Avisos de Saragoça:

«Calaceite 17 d'agosto de 1873 A situação das forças carlistas hontem era a seguinte: Piñol (a) Parera, em Cretas 1.500 homens; Vallés, com 2.300 homens, em Torre del Compte; Polo, em Valdorobres, com 800; Segarra em Castelseras, com 1.200; e D. Manoel Marco, em Cantaveja, com 1.500.

Segundo minhas noticias, Vallés, com parte de seus forças emprenderá amanhã sua viagem para o reino de Valencia. Creio que este chefe teve o pensamento de atacar Alcañiz, porém desistiu d'isso.

Teoh sem embargo para mim que a dita cidade está em risco d'alguma aggressão, que chegará quando menos a esperem, como succeda aos de Caspe.

Falla-se incessantemente entre os carlistas da proxima chegada de Gamundi; porém se é certo que este vem encontrará a seus amigos e partidarios em armas, porque segundo me informam se aproxima a 600 os que se uniram a Vallés, dos povos de Caspe, Maella e F. Bara.

Do mesmo periodico cartas de Tallala, que ha mais de 16.000 carlistas escalonados desde uma legua d'aquella cidade até Estella e seus arredores.

Do Nuevo Municipio, de Alicante correspondente ao dia 28: Parece que antehontem estiveram uns 30 homens armados em Parcent, custodiando duas outras cargas d'armas, e que a poucos momentos saíram com direcção a Benichambla.

SECCÃO NOTICIOSA

Convite — Os abaixo assignados, artistas d'esta cidade, convidam todos os seus collegas, e mais pessoas, a assistirem a uma missa resada no Real Templo de Santa Cruz, no dia 10 do corrente mez, pelas 9 horas da manhã, para suffragar a alma do exc.^{mo} Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel.

Bragá 6 de Novembro de 1873.

Henrique José Fernandes de Jesus Bizarro
Gomes Antonio Fernandes dos Santos
Francisco de Paula
Francisco José de Carvalho
Miguel José da Silva
José Antonio Alves
Domingos Teixeira Vidal
Antonio Manoel Mendes
Domingos José Dias
José Antonio Alves
Antonio Alves
Manoel José Dias.

Eleição camararia. — Ah! vão os nomes dos cavalheiros indigetados pela opinião publica para constituirem a nova vereação:

Jeronymo da Cunha Pimentel
Araujo Queiroz Junior
Francisco da Silva Araujo
Domingos José Soares
João Fernandes Valença
Peixoto.

Tambem se falla nos snrs. Capa, Cunha Reis e Monteiro cirurgião.

Lei de funil. — No dia 1 do corrente falleceu o escrivão Faria, homem honrado e bemquisto de todos.

Seu cadaver foi levado para Guimaraes, donde era natural e lá foi sepultado.

Perguntamos, agora, á auctoridade competente: ¿em virtude de que lei não foi enterado no cemiterio d'esta cidade o cadaver do illustre finado?

¿Porque era essa a vontade do fallecido? ¿Mas elle morreu ab intestato, e a lei só respeita a vontade do individuo quando esta se acha legalmente declarada?

Ah! sim, o cadaver do sr. escrivão Faria foi para Guimaraes, porque assim o aquizeram os padrinhos que pediram á auctoridade respectiva para que fechasse os olhos. O peor é que o cadaver do finado, apesar de sair de noite e ás escondidas, foi visto por muita gente que não é cega e está de atalaia para protestar contra as infracções da lei e contra tudo o que fôr escandaloso.

A lei não é letra morta para os grandes e galopins eleitoraes, a lei é para todos. Se lhe querem intrrometer excessões não hade o capricho ou a vontade d'um individuo vestido de farda e de auctoridade, mas sim o legislador que a fez.

Pedimos providencias a quem compete, e esperamos que se não dê outro facto igual a este.

Com rasão. — Até que, finalmente, escapou das iras judicarias a historica oliveira de Guimaraes, á qual tinha jurado guerra de exterminio a camara d'aquella cidade. Depois de a haver cortado pelo meio do tronco e abalado as grades que a defendiam o cabido embargou esta obra destruidora vencendo o recurso ou aggravo já na primeira instancia, isto é em Guimaraes, já no Porto para onde apellára a tal senhora camara.

As camaras, estes corpos collectivos cuja missao e melhorar o estado dos municipios...

E vendo elles uma pedra com letreirinhas que nao sabiam soletrar, porque não são paleographos...

Envirram, sobre tudo, com as lapides ou inscripções religiosas, porque segundo se diz, o diabo não gosta do signal da Cruz!

Nós temos, para aqui, muitos exemplos d'estas proezas e façanhas.

Um cruzeiro, por exemplo; que estava no largo do Ourado, está... até nos envergamos...

E um chafariz que estava defronte do jardim, no campo de Sant'Anna?!

El relíquia!... Mas, enfim, não ha outro remedio senão encolher os hombros porque elles coitados fazem tudo isto segundo o progresso...

Sufragios.—A Direcção do Asylo de D. Pedro V...

Excendente monopolio! — Lê-se na «União Catholica» de 28 de Setembro...

«Na famigerada escola militar de Saint-Cyr, em Paris foram admitidos para o anno academico de 1873-74, cento e vinte alumnos.

Ora, cem d'estes (nada menos!) sahi-ram do collegio da rua dos Postes...

D'onde se vê que os jesuitas, agora como sempre, monopolizam o ensino.

Se ensinassem pouco e mal, afugentando por isso os discipulos, eram uns heroes, e os professores liberaes não teriam que queixar-se contra o monopolio...

Offerecemos estas linhas ao exc.º sr. D. Antonio da Costa e a muitos de seus admiradores...

Calcula o sabio professor que, em uma sala de baile de cincoenta senhoras com cabelo falso...

De facto, o dr. Lindeman é de parecer que elles até penetram no interior do organismo humano...

Calcula o sabio professor que, em uma sala de baile de cincoenta senhoras com cabelo falso, d'este saltam nada menos de 45 milhões de «psorospermas».

Offerecemos estas linhas ao exc.º sr. D. Antonio da Costa e a muitos de seus admiradores...

«Um incolor de cá disse e tem repetido com notavel complacencia (o innocente!) que os carlistas trazendo sobre o peito uma effigie do Coração de Jesus...

Ora, um incolor de lá diz pelo contrario, que os carlistas julgam que os que morrem na guerra pugnando pela sua causa vão direitinhos para o céu...

A opinião apontada por este ultimo incolor parece algum tanto mais verosimil. Perguntamos porém a ambos...

O correspondente do Futuro em Guimarães, é o proprietario da Livraria Internacional o Illm.º Sr. José Antonio Teixeira de Freitas...

«Uma das mais gratas obrigações do ornalista, é de dar a conhecer aos seus leitores, um novo descobrimento que tem por fim alliviar a humanidade enferma.

«Estimulamos pois os nossos leitores a fixarem a sua attenção na Revalescière dos Srs. BARRY DU BARRY & C.ª de Londres.

«Lemos estas palavras textuaes n'um jornal republicano-socialista do Porto que defende a «monarchia» e recebe por isso (?) condecorações que ficam a matar no peito de seus escribas...

«Uma das mais gratas obrigações do ornalista, é de dar a conhecer aos seus leitores, um novo descobrimento que tem por fim alliviar a humanidade enferma.

«Estimulamos pois os nossos leitores a fixarem a sua attenção na Revalescière dos Srs. BARRY DU BARRY & C.ª de Londres.

«Lemos estas palavras textuaes n'um jornal republicano-socialista do Porto que defende a «monarchia» e recebe por isso (?) condecorações que ficam a matar no peito de seus escribas...

«Estimulamos pois os nossos leitores a fixarem a sua attenção na Revalescière dos Srs. BARRY DU BARRY & C.ª de Londres.

dois a que se poderia referir o sr. Alexandre Herculano são os snrs. Viscondes d'Algés, de Samodães, e d'Azevedo...

Fallecimento.—Falleceu pelas 8 horas e meia da sexta-feira passada o sr. José de Faria Machado...

Estadística lugubre.—«Correspondencia de Coimbra»:

Na guerra da Crimea morreram 784.000 homens; na guerra civil dos Estados Unidos 800.000; na da Austria e Prussia 400.000...

Inconvenientes das cuias.—Idem.—Ha muito que os medicos e a gente sensata tem chamado a attenção das senhoras para os perigos d'esta moda.

Os boticarios, droguistas, merceiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. Serzedello & C.ª

Arrematação de rendimentos e moveis

No dia 9 do corrente mez de Outubro, pelas 10 horas da manhã á porta do tribunal judicial...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

No dia 9 do corrente mez de Outubro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca de Braga...

Arrematação judicial

cière é d'uma qualidade eminentemente nutritiva e saudavel e dos certificados de muitos facultativos de grande fama se deduz que a Revalescière é muito superior a todos os remedios empregados até hoje nas enfermidades seguintes:

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm.

dicial dos bens seguintes: Uma morada de casas torres e terras com sallas, varandas, cobertos e cortes, com eido de terra junto, que tem arvores avidadas e fructa, tudo avaliado em 232,5000 reis;

O campo do Eido de terra lavradia com arvores avidadas, avaliado na quantia de 142,5000 reis; a leira do Enxurreiro, terra lavradia, avaliado em 117,5000 reis;

outra leira de terra lavradia chamada do Poço, avaliada na quantia de 180,5000 reis; a leira da Ponta Larga, terra lavradia avaliada em 85,5000 reis;

a leira do Talho, com arvores avidadas, avaliada em 190,5000 reis, cujas referidas propriedades são de natureza alludal e situadas no logar do Eicho, da freguezia de S. João de Bastuço, da comarca de Barcellos, e foram penhoradas a José Rodrigues e mulher Anna Maria Freire, da dita freguezia, por execução que lhes move Manoel Fernandes da freguezia de Ferreiros, d'esta comarca.

O solicitador (138) Paulino Evaristo da Rocha.

FOLHINHAS BENEDICTINAS

Acham-se á venda, para o anno de 1874, no escriptorio d'esta typographia, rua Nova n.º 3, no Porto na casa costumada. Preço 240.

ORAÇÃO GRATULATORIA

Que no solemne Te-Deum celebrado na Santa Sé Primacial de Braga, pelo faustissimo 27.º anniversario pontifical do SS. Padre Pio IX, no dia 21 de Junho de 1873, pronunciou o presbytero José Vieira de Sousa Coutinho, abade de S. Silvestre de Requião.

Vende-se no escriptorio d'esta typographia, rua Nova n.º 3; rua do Souto na Livraria Catholica, Germano, Bracarense, e Chardron, Guimarães na Livraria do Sr. Freitas, a S. Damazo, e nas mais do costume. Preço 60 rs.

AGENCIA EM MACAU Caldeira & C.ª

Tem estabelecimento na rua Central, n.º 28, aceita consignações, e incumbese de negocios nas repartições publicas e no foro judicial, e de transferencias de dinheiro entre Portugal, Macau, Hong-Kong e outros portos da China.

Dão-se informações, em Lisboa, rua Augusta 95, e no Porto, rua da Fabrica, 27 a 31.

OS DIFFANADORES DO CLERO CATHOLICO PELO

Abade Tounissoux Traduzido por A. M. Preço 200 rs.

A' venda na Livraria Internacional de Eugenio Chardron, Largo de S. Francisco n.º 4, Braga.

PORTUGAL NA SUA DECADENCIA OBSERVAÇÕES POR

Um Amigo da Patria DADO A LUZ POR L. F. de Castro Soromenho.

Vende-se por 120 em Lisboa na rua da Condessa n.º 38, 1.º andar.

DISCURSO PRONUNCIADO NA 1.ª ACADEMIA DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA DE BRAGA QUE TEVE LOGAR A 22 DE JUNHO DE 1873, POR OCCASIÃO DO XXVII ANNIVERSARIO DA ASCENÇÃO AO THRONO PONTIFICIO DO

N. SS. PADRE PIO IX PELO P.º José Joaquim de S. Freitas.

Vende-se em Braga na rua Nova n.º 3, e nas livrarias Catholica, rua do Souto, Germano, Bracarense, e Chardron. Nas livrarias Catholica no Porto, Praça de D. Pedro n.º 131 e em Lisboa na rua dos Capellistas n.º 82. Guimarães, na do sr. Freitas, a S. Damazo.

Preço. 80 rs.

LIVRARIA DE EUGENIO CHARDRON

Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 1\$400 — Genio do Christianismo, 2. vol. 1\$500

Cardenal Wissemann - Fabiola ou a Igreja das Catacumbas, romance religioso, 2. vol. 1\$500

Roquette - Sermões em honra de N. Senhora, 1. vol. 1\$200

Roquette - Homelias e Sermões . . . 1\$800

Guallois - Explicação litteral e moral

das Epistolas e evangelhos, 2. vol. 1\$500

Veillot - Vida de Jesus Christo 1. vol. 400

Padre Marchal - A mulher como deveria ser-o, 1. vol. 400

Padre Gaume - Onde estamos? 1. vol. Vozes propheticas, ou Apparições e predições etc., tracção do Rvd.º P.º Marnoco, 1. vol. 250

Todos estes livros são remittidos francos pelo correio.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA POR Carlos José Caldeira.

Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro, irmão

Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia—Estudante em Sernache do Bom Jardim—Administrando os negocios publicos na terra do seu nascimento—Estudante na Universidade—Secretario do bispo de Braga—Deão e vigario geral em Leiria—Superior do collegio das Missões—Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior—Crise no collegio das Missões Ultramarinas—Bispo eleito e confirmado de Macau—Sagração do bispo d'Angra—Character do bispo d'Angra.

Tem um aditamento dividido em 4 capitulos com as rubricas: Analyse do regulamento que procede o decreto de 21 de setembro de 1870 (que reorganizou o seminario de Macau)—Analyse do mesmo decreto—Effeitos do novo regulamento do Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua do Ouro; Catholica, rua dos capellistas; Mesquita, em Coimbra; Catholica no Porto, e nas principaes de Braga, Bragança, Leiria e Guimarães.

A MAÇONARIA DESMASCARADA ou COLLECCÃO D'ALGUNS ARTIGOS DO

ECCO DE ROMA.

Esta interessante obra, a melhor que se tem publicado para conhecer os fins da maçonaria e os males que elle tem causado á sociedade, é um volume de 300 a 300 paginas, e acha-se á venda nas principaes livrarias de Lisboa e Porto e nas principaes livrarias do reino e Brazil.

Em Braga na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39, e em Guimarães na Internacional, Editora, a S. Damazo n.º 89 d.º

Preço edição superior. 300 Inferior 300

O MILAGRE E A CRITICA MODERNA ou

A INMACULADA CONCEIÇÃO DE LOURDES

Opusculo offerecido á Associação Catholica Portuense PELO

P.º José Joaquim S. Freitas.

O producto da venda d'este opusculo foi applicado e offerecido por seu author para as despezas do Monumento da Inmaculada Conceição, que se está construindo no monte Sameiro, suburbios de Braga.

Vende-se em Braga em casa do sr. D. J. Vieira Machado, Praça Municipal (Campo dos Touros), n.º 17, a quem se podem fazer as requisições que os pertendentes quiserem; os rs. livreiros que desejarem porção, com dinheiro á vista, terão abatimento de 15 por cento.

Nas livrarias Catholicas de Braga, Lisboa e Porto, e nas principaes terras do reino. Preço em broxura 400 com estampa da gruta. 460

A EGREJA CATHOLICA ROMANA E OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Igreja — seus triumphos — castigos dos seus inimigos, POR

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

Vende-se em Lisboa, na Livraria Catholica, J. A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino, Campos Juner, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga, Livraria Catholica.—Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha.—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Marianno Machado,

Preço 500 reis.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1874